

Os brutos: a saga de Lampião romanceada por Allyrio Wanderley¹

Naelza de Araújo Wanderley²
Naeuda de Araújo Wanderley³

Resumo - A leitura crítica do texto allyriano e sua reapresentação ao público leitor patoense constitui-se um dos principais objetivos deste trabalho, que foi realizado a partir de duas formas de pesquisa: a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, sendo esta última realizada nos arquivos da Fundação Ernani Sátiro; do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Patoense) e da Academia Patoense de Artes e Letras. Centrado, principalmente, nos estudos da literatura local, a partir de uma abordagem da crítica literária que tem como ponto de partida a relação entre o literário e o histórico, o estudo acerca da versão allyriana para a vida de Lampião apresenta como resultados uma discussão dos aspectos que, de fato, fizeram parte do contexto que envolve a narrativa e dos que foram acrescentados pelo plano fictício como recurso do narrador para que a sua proposta de denúncia e crítica social se cumprisse plenamente.

Palavras-chave: sertão; Lampião; história; ficção.

Abstract - A critical reading of the Allyrio's work aiming to reintroduce it to readers from Patos constitutes one of the main aims of this work, which was carried out taking as a starting point two types of researches: a bibliographic research and a documentary research in the archives of the Ernani Satyro Foundation, Patos Historical and Geographical Institute (PHGI) and Patos Academy of Letters. Focused mainly on local literature studies based on a literary criticism approach which has as its starting point the relationship between Literature and History, the study on the Allyrio's version to Lampião's life presents, as a result, a debate on the aspects which were in fact part of the contexts which involve the narrative and those which were added by the fictional plan as a narrator's feature so that his proposal which involves denounces and social criticism is fully accomplished.

Keywords: sertão; Lampião; history, fiction.

¹ Este texto faz parte de um projeto de pesquisa maior, vinculado, inicialmente, à Unidade Acadêmica de Letras - UAL / CFP/ UFCG; Fundação Ernani Sátiro – FUNES; Faculdades Integradas de Patos -FIP, onde, na qualidade de colaboradora, a Professora Naelza de Araújo Wanderley participou do Projeto de pesquisa intitulado: Uma abordagem historiográfica da obra do escritor paraibano Allyrio Meira Wanderley. O projeto está vinculado, atualmente, à Unidade acadêmica de engenharia Florestal - UAEEF / CSTR /UFCG e à Fundação Ernani Sátiro - FUNES. Dessa forma, cabe esclarecer que este texto inicial será ampliado para publicação posterior.

² Professora da Unidade de Engenharia Florestal – CSTR – UFCG; Doutora em Letras. Email: naelzanobrega@ig.com.br

³ Professora do Curso de História das Faculdades Integradas de Patos; Especialista em História do Brasil. Email: naeudawanderley@ig.com.br .

1 Introdução

(...) a palavra é a carne das idéias.
Allyrio Meira Wanderley

O escritor patoense Allyrio Meira Wanderley nasceu na Fazenda Campo Comprido, município de Patos - Paraíba, em 22 de outubro de 1906 e faleceu em 15 de janeiro de 1955, em João Pessoa. Era filho de Francisco Olido Monteiro Wanderley e Dona Ignácia Maria Meira Wanderley.

Na capital do Estado, estudou como aluno interno do Colégio Pio X, deixando o internato antes da conclusão do curso, alegando problemas de saúde. Apesar do pouco tempo que passou no Pio X, Allyrio envolveu-se em desavenças e incidentes com professores, causando-lhe profunda mágoa, mágoa esta desabafada num depoimento: "nesse colégio, conheci a vida em todos os seus aspectos. E data desse tempo o encontro com as minhas primeiras injustiças, a minha melancolia e o meu desengano, brotados para sempre aos treze anos". Essas ocorrências contribuíram para estimular a sua carreira literária.

Jornalista, romancista, poeta e teatrólogo, deixou uma vasta e importante produção; colaborou nos jornais do Sul do País, sendo os principais: *A Razão*; *Correio de São Paulo*; *Correio Paulistano*; *O Dia*; *A Gazeta*; *A Platéia*; *Ação Livre* e *Revista de São Paulo*, em São Paulo. No Rio de Janeiro, escreveu para: *O Radical*, *Dom Casmurro*; *A Manhã*. Em Maceió, escreveu para *A Gazeta de Alagoas*. Em João Pessoa, para *O Estado da Paraíba*; *A União*; *O Norte PN-Publicidades e Negócios*; *Correio da Paraíba* e *Paraíba Agrícola*.

Além de artigos em jornais e conferências, publicou os livros: *Sol criminoso* (romance); *Os brutos* (romance); *As bases do separatismo* (sociologia); *Bolsos vazios* (romance); *Os carneiros cinzentos* (crítica). Como inéditos: *Janjão doutor* (comédia); *O lume no alcantil* (drama); *Cães sem dono* (romance); *Serões de uma traça* (crítica); *A seara do próximo* (crítica); *As formigas* (romance); *Espinho branco* (romance); *Uma lira também se quebra* (farsa em três atos). Vale lembrar que boa parte dessa produção, apesar de citada por alguns biógrafos/estudiosos e pelo próprio autor, na contracapa de alguns de seus livros publicados, continua inédita e, talvez, distante para sempre dos leitores da obra allyriana.

A realização de uma leitura, mesmo que ainda em estágio inicial, do texto de *Os brutos* não somente valoriza a cultura local, mas também sugere aos demais estudiosos da obra allyriana novas perspectivas de abordagem para a referida obra, assim como para os demais textos produzidos por esse escritor modernista que, em solo paraibano, destacou-se entre os demais pelo aspecto de “inquietação” diante do mundo que o cercava; traço marcante de toda a sua produção.

O estudo ora apresentado está permeado pelas abordagens extrínsecas, passando pelos aspectos biográficos, sociais e ideológicos, segundo os conceitos discutidos por Welck e Warren (2003).

Segundo Antonio Candido (1985), uma obra tem a sua função histórica ou social dependente de sua estrutura literária e esta está assentada sobre a organização formal de certas representações mentais, determinadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Assim, mesmo que o autor não tenha consciência de tal domínio ideológico, sua produção está permeada das ideologias sociais vigentes em seu tempo histórico. Por esta razão, o discurso contido na obra do referido autor patoense também pode ser analisado como fonte de conhecimento de todo um contexto social, político e econômico da cidade de Patos na primeira metade do século XX.

Para Ivo Castro, citado por Spaggiari & Perugi (2004), um escritor, independente da época em que escreveu, não é verdadeiramente respeitável enquanto não tiver a sua obra filtrada pela Crítica Textual. Nesse caso, uma análise dos textos produzidos por Allyrio M. Wanderley faz-se necessária, uma vez que possibilita ao escritor a oportunidade de ser lido e apreciado através da divulgação e da publicação de sua obra em textos críticos, estabelecidos pelo amplo trabalho de preparação de uma edição crítica.

Dessa forma, buscando retomar e aprofundar alguns estudos locais acerca da vida e da obra do escritor Allyrio M Wanderley, é que se desenvolveu a presente leitura, centrada, principalmente, nos estudos da literatura local a partir de uma abordagem da crítica literária que tem como ponto de partida a relação entre o literário e o histórico, uma vez que a obra *Os brutos* apresenta como temática a história do cangaceiro Virgulino Ferreira – O Lampião, sendo esta obra uma biografia romanceada da vida desse personagem marcante dos sertões nordestinos, que tem a sua trajetória contada e recontada tantas vezes e de tantas formas na literatura popular e regionalista que, pode-se dizer, assume ares de mito literário nas muitas narrativas e nos muitos “versos” de uma produção que tem como inspiração as diferentes faces assumidas por esse personagem, que oscila entre o histórico e o fictício no contexto do cangaço nordestino.

Metodologia

Os princípios metodológicos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho obedeceram aos seguintes critérios e etapas relacionados ao levantamento bibliográfico:

- Levantamento teórico;

- Produção de artigo científico;
- Análise do elemento histórico como fonte da elaboração textual literária;
- Construção do texto final.

Em conformidade com o modelo teórico abordado, essa pesquisa constitui-se como qualitativa e bibliográfica, já que se apoia numa reflexão, estudo e descrição dos mais diversos aspectos que caracterizam as obras tomadas como objeto de investigação, apresentando como suporte principal a pesquisa em arquivos e bibliotecas.

Resultados e discussão

O sertão de Virgulino / Lampião

Conhecer a sociedade através da produção histórico-literária é buscar, nas entrelinhas do texto, a compreensão das práticas humanas, de seus norteadores, de seus significados e significantes atribuídos pelo homem / autor a determinados fatos e tentar entender as razões que conduziram as ações deste na atribuição de significados aos acontecimentos por ele narrados (contados).

Sabe-se, pois, que os “limites” entre a escrita literária e a escrita histórica já se colocam como ponto de discussão desde a Antiguidade, com Aristóteles, quando este, em sua *Poética*, já apontava distinções entre poesia⁴ e história. Segundo ele, “diz um [o historiador] as coisas que sucederam, e outro [o poeta] as que poderiam suceder” (1973, p.451). Aristóteles o apresenta o escritor como fabulador que, mesmo diante de um fundo histórico, não deve deixar de lado o seu compromisso estético, pois, “ainda que lhe aconteça fazer uso de sucessos reais, nem por isso deixa de ser poeta.” (1973, p.451).

Em seu IX capítulo da *Poética*, Aristóteles aponta distinções entre história e poesia argumentando que cabe ao poeta representar não o que de fato aconteceu, mas o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade. Segundo ele, a diferença entre o poeta e o historiador não está na forma como escrevem (verso e prosa), mas no seu conteúdo. Enquanto o historiador se detém a apresentar acontecimentos comprováveis, ou seja, contar o que realmente aconteceu, o poeta explora a representação ou uma necessidade.

⁴ Entendam-se aqui as palavras *poesia* e *poeta* como sinônimas das palavras *literatura* e *romancista*.

Assim sendo, a poesia imita o universal, a história imita o particular. Ou seja, os poetas se interessam não pelos fatos em si, mas por sua estrutura, enquanto ao historiador interessam os fatos em sua singularidade. Desta forma, a poesia encerra mais filosofia, elevação e universalidade, por falar de verdades desejáveis ou possíveis.

Aristóteles define o poeta muito mais como aquele que compõe histórias (mitos), do que como versificador, já que se identifica de tal forma pela representação de ações, que pode até, verossimilmente, prover-se de fatos reais e, se lhe acontecer de apresentar fatos reais, nem por isso deixa de ser poeta, pois nada impede que a existência de alguns dos acontecimentos ocorridos tenham sido “criados” por ele.

É evidente que as discussões acerca das relações entre a matéria histórica e a matéria literária se estendem através dos séculos sob diferentes pontos de abordagem. Dessa forma, vale lembrar que, no presente texto, estão citados apenas os dois extremos cronológicos dessas discussões, pois, se Aristóteles as inicia na Antiguidade, Hayden White será, na Modernidade, o grande defensor da abolição das fronteiras entre o literário e o histórico, pois ele coloca lado a lado as representações históricas e literárias como formas de representação do passado, sem que haja qualquer diferença entre elas.

A necessidade de novas abordagens sobre a História / Literatura escrita é fundamental para a ampliação do campo de conhecimento que se constitui como objeto de estudo dessas áreas. Estas, por serem atemporais, não possibilitam certezas absolutas, definitivas e imediatas acerca de seus respectivos objetos de estudo. Assim, são essenciais novas leituras que possibilitem, dentro dessa perspectiva, uma ampliação e/ou um resgate, pois, quanto mais estudos existem acerca de uma obra, maiores são as possibilidades de novas concepções críticas, de abordagens distintas, permitindo um conhecimento novo a cada estudo realizado.

Sendo a obra literária um embate de pontos de vista diferentes, ela é inacabada. Desta forma, não existem objetos de estudo esgotados. As interpretações surgidas compõem um contínuo redescobrimento das relações históricas e sociais, e é essa perspectiva teórica que fundamenta a leitura do texto de *Os brutos*, aqui apresentada, que surge com o objetivo de rerepresentar ao público leitor patoense essa narrativa, que se constitui parte significativa da produção literária do escritor Allyrio M. Wanderley, através de uma abordagem crítica que tem como ponto de partida a apropriação ficcional da matéria histórica, uma postura já assumida pela narrativa de ficção desde o século XIX, com o advento do romance histórico.

Vale lembrar que não é papel da literatura refletir sobre os fatos sociais históricos, mas cabe a ela uma (re)construção do passado, sob o manto da ficção, que permite ao escritor

novas formas de representação do passado através da recolha de pequenos ou grandes “recortes” históricos inseridos na ficção.

O palco perfeito para o encontro entre história e literatura surge no século XIX, com o advento do Romantismo, através da criação do romance histórico, do qual Walter Scott foi o criador. Essa forma narrativa, como qualquer outra criação artística, ao longo dos séculos e da criação literária, agrega novos elementos, novas posturas narrativas à sua composição e chega à Modernidade com diferentes formas de expressão.

Se, inicialmente, essa forma narrativa faz uma volta ao passado glorioso da pátria, tendo como base fatos e personagens / heróis reconhecidos, permitindo que os leitores desvendem pouco a pouco a história gloriosa dos antepassados, no sertão allyriano, a criação de Walter Scott ganha nova roupagem, constituindo-se, sob a pena histórica / regionalista do escritor, no gênero ideal para que seja recriada e recontada, à sua maneira, a história do mais conhecido cangaceiro nordestino: Virgulino Ferreira: o Lampião.

Publicado em 1933, o romance narra a história de como Virgulino Ferreira se “transforma” em Lampião, o “rei do cangaço” no sertão. Além da descrição de fatos e personagens “verídicos”, no decorrer da obra, são evocadas também outras personagens e situações que fizeram parte dos contextos social e político da época.

A obra se estrutura em 60 capítulos e é elaborada a partir de uma outra modalidade narrativa que, na maioria das vezes, apresenta vínculos da oralidade, as “crônicas” que, segundo sugere Allyrio, “na sua infalível falibilidade” podem não se constituir fontes exatas acerca dos acontecimentos narrados. Considerando tal aspecto, questiona-se se o autor, de fato, posiciona-se criticamente em relação à ideia de que as crônicas deveriam representar um compromisso com a “verdade” dos fatos, na qualidade de narrativas que partem de um conteúdo “histórico”, conforme apresenta a tradição de suas raízes medievais, ou tendo em vista a constância com que resgata essa fonte de informação no decorrer de seu texto, apresenta apenas uma sugestão velada para o leitor de que qualquer acréscimo e subtração que fosse realizado em relação aos fatos e aos personagens de sua história não seria responsabilidade do narrador, mas de suas fontes, ou seja, as “crônicas antigas”, já anunciadas nas páginas iniciais da narrativa.

Ao trabalhar com o plano histórico em seu romance, Allyrio utiliza-se de alguns personagens reais da história de vida de Lampião e dos contextos político e social pertencentes ao início do século XX, no sertão nordestino, mas, em poucos momentos, os fatos e as personagens convergem na mesma direção apontada pelas muitas biografias escritas para a figura de Lampião.

Ao utilizar a história como uma “inspiração” para o seu texto, o autor faz referência a características próprias dos personagens que fizeram parte da história de Lampião, mas ele vai além do aspecto histórico/biográfico, quando inclui, em seu romance, o plano fictício construindo personagens e situações que conduzem o fio narrativo de um contexto de violência tal que, antecipadamente, justifica para o leitor as razões que, numa espécie de determinismo euclidiano, motivaram, no espírito de Virgulino, a brutalidade de suas ações/atrocidades, contadas e cantadas pelo sertão a fora.

O autor amplia a visão sobre contexto e personagens, moldando-os a seu modo, acrescentando qualidades e defeitos, ou seja, ele capta importantes características próprias deles, de acordo com os fatos ditos históricos, e as transfigura para sua obra, de forma que o seu projeto narrativo se cumpra.

A escolha da história de Lampião como personagem principal de seu enredo nada tem de ocasional na trajetória literária de Allyrio Wanderley. O rei do cangaço no sertão constituiu-se o motivo perfeito para o exercício pleno da crítica social em relação ao sertão e às suas estruturas, comuns na obra do referido escritor. É interessante lembrar que nem tudo é somente brutalidade no sertão allyriano. Permeando a mordacidade da crítica social, há passagens de um lirismo quase poético em relação à terra e a tudo que dela faz parte.

Ao se falar da história de Lampião como suporte histórico da narrativa, importante se faz esclarecer que poucos são os personagens da narrativa allyriana que coincidem com os registros biográficos existentes acerca do cangaceiro sertanejo. Até mesmo o nome do pai de Virgulino é modificado; a irmã Crhistiana e a noiva Margarida também fazem parte da galeria de personagens que é acrescida pelo autor à história da vida dele. O cenário também é alterado, pois a Paraíba torna-se, na narrativa, o palco dos acontecimentos, entre outros aspectos observados no desenrolar dos acontecimentos.

Histórico de fato é o contexto político e social, histórica é a brutalidade do sertão que transforma homens, histórica é a figura Virgulino Ferreira que, à força das armas e buscando justiça, transmuda-se em Lampião. Esse personagem ímpar da história e das histórias do sertão representa a coletividade de um povo que, à semelhança, dele sofreu e sofre com a brutalidade dessa terra.

A elaboração da prosa allyriana constitui-se um imenso painel que vai do traço lírico à mordacidade da sátira, com uma habilidade que seduz o leitor e o leva a passear pelos encantos e desencantos do sertão que lhe é apresentado em detalhes pelo autor.

Já nos primeiros parágrafos de *Os brutos* (WANDERLEY, 1934), o autor provoca o leitor de seu texto, apresentando-o ao personagem coronel Cazuza Ramalho. Ele representa o

lado negro do sertão nordestino. Em torno dele, giram um sistema econômico esmagador que se revela através da posse desmedida da terra (o latifúndio); um sistema político corrupto em que manda quem mais possui e uma justiça injusta e manipulada pelo poder do dinheiro. Observe-se, na descrição desse personagem, a força de algumas expressões utilizadas, pois elas ecoam a indignação do narrador diante da realidade do sertão paraibano:

Quem do cocuruto do serrote Pelado, olhava o mundo, via que o céu, de um azul crasso, dava para cobrir apenas as terras do coronel Cazuza Ramalho; [...] Não havia remédio.

Esse homem era, pois o dono do horizonte em dois ou três municípios do estado da Paraíba, no nordeste do Brasil; de tempos em tempos, para distrair ou para irritar, fazia ventar ou fazia chover, amarrava a lua pelos cornos ao moirão da porteira ou tocava à chicote, em pleno dia, o pobre do sol para detrás de qualquer colina dos seus domínios.
Coisas das democracias!

Ninguém, como ele, tinha tantas forças na política da clorótica província; ninguém como ele tinha tantos votos e tantos rifles por aquela sertania prateada além. Brincava com prefeituras e juizados, como brinca uma criança com petecas e papagaios. Mandava quanto queria e desmandava com o descaramento olímpico dos reis. Cesar de cobre, imperava sobre-humanamente; rico de fazer raiva, suas fazendas, cosidas umas às outras, derramavam-se pelos vales de três rios e subiam ao dorso de uma família inteira de montanhas. (p.7)

Em outros momentos da obra, a mordacidade do narrador é dirigida a outras instâncias da vida sertaneja. No capítulo que trata do enterro de Neco de Jesus, o narrador utiliza-se do diálogo entre o personagem Virgulino, filho da vítima, e o delegado da cidade para criticar alguns aspectos da justiça no interior do sertão, a burocracia, a lentidão, o descaso e a submissão ao poder político local (no caso, o Coronel Cazuza Ramalho):

- O senhor já deve saber... assassinaram meu pai... venho aqui dar-lhe parte!
- (...)
- Foi morto ontem...
- ... e por quem?
- Por Leonardo da Conceição.
- Há testemunhas?
- Toda gente conhece os fatos.
- Mas, há testemunhas?
- Haverá, com certeza; aparecerão. O que desejo é que o senhor tome providências; mande abrir inquérito, prender o criminoso ao menos para averiguações...
- Sim; porém, essas coisas têm o seu formulário!
- De acordo.
- A autoridade não é movida a vapor, entendeu?
- Sei; sei que é puxada a lesmas...
- Este mundo é uma engrenagem muito complicada!
- De qualquer modo, fiz o que me competia; avisei-o. O resto é com os outros, não é?

– Bom; vamos ver o que se poderá tentar. No fim da semana, reapareça por cá!
– Você vem ou não vem jogar, Rochael? – reclamaram da mesa.
– Vou, vou já e já, que diabo!
Apressou-se; o rapaz despediu-se. Retirava-se quando, de chofre, o delegado o interpelou:
– Olhe, por que não conversa com o coronel Cazuzza Ramalho?
– Não, não quero.
– Hum... pois devia querer; com as ordens dele, tudo iria na carreira!
– Mas eu dispenso esse recurso...
– Assim?
E, virando-lhe as costas, Rochael voltou a banca de jogo; Virgulino tornou a sair, muito sereno, reuniu-se com os companheiros e regressou ao Pau-a-pique. (p. 64-65)

Observe-se aqui o contexto em que Virgulino é apresentado ao leitor. Ele é um jovem que, ao contrário dos irmãos, abre mão dos estudos para ficar ao lado do pai, o senhor Manuel de Jesus Ferreira do Nascimento. Mesmo à sombra do “onipotente” Cazuzza Ramalho, ele vive sua vida de forma que apenas a sua lida nos campos e com os animais do sertão e o seu amor pela bela Margarida lhe servem de alento para os dias.

É nesse contexto que acontece a morte do pai por um motivo banal; uma briga entre vizinhos por causa de bodes. Uma morte para a qual ele busca justiça na terra e não a encontra porque o assassino é protegido do Coronel Cazuzza Ramalho. É nesse momento da narrativa que entra, definitivamente, em cena a personagem Sabino, amigo inseparável do jovem que, assim como no plano histórico, será também, na ficção, o braço direito de Lampião no cangaço. Virgulino, cobrado insistentemente pela mãe, faz justiça com as próprias mãos e mata aquele que, além de tirar a vida de seu pai, ainda fazia pouco caso do crime e da covardia de Virgulino por não buscar vingança para a morte do pai.

Mas as atrocidades que encaminham Virgulino ao cangaço estavam apenas começando, pois elas se agravariam ainda mais com a vida de violência que inicia após a vingança da morte do pai. Afasta-se de sua família e aproxima-se do bando de jagunços do Coronel Cazuzza Ramalho.

No cumprimento total de sua vingança pelas injustiças que rodearam a morte do pai, Virgulino atinge outros protegidos do Coronel, e esse fato provoca a ira de Cazuzza Ramalho, fazendo com que ele seja preso e maltratado por jagunços. No entanto, mesmo muito ferido, Virgulino consegue fugir, sendo perseguido até a sua casa pelos jagunços, que, num verdadeiro turbilhão de atrocidades, agridem as mulheres da casa e matam os animais.

A noiva de Virgulino, juntamente com a irmã dele, noiva de Sabino, são estupradas repetidas vezes pelo bando. Margarida não resiste ao sofrimento e morre, assim como a mãe dele, que, ao ser forçada a assistir ao horrendo espetáculo, não resiste à dor. Ele assiste a tudo

sem nada poder fazer, pois estava muito ferido. Quando o bando sai, a única que sobrevive ao massacre é Christiana, sua irmã, mas enlouquece com a dor.

Diante da brutal realidade que se apresenta, Virgulino começa a receber apoio daqueles que assistiram a tudo indignados e, ao contrário da história, na ficção allyriana, esse bandido/herói do sertão nordestino já forma o seu bando de cangaceiros/justiceiros como líder. Líder de um grupo de homens simples e anônimos e que já não toleram os desmandos e as injustiças do representante da região.

Considerações finais

A narrativa allyriana se encerra contando mais um dos muitos “causos” que fazem parte da longa lista de façanhas de Lampião, praticadas pelo sertão a fora. Cronologicamente, a obra é publicada no início da década de trinta, a história e as histórias acerca do cangaceiro ainda teriam, pelo menos, meia década para se concluir com a sua morte. A história da vida de Lampião, assim como a de sua morte, constituir-se-ão uma fonte perene de inspiração para os poetas populares, para historiadores e para romancistas.

No caso de Allyrio, somente a vida e os fatores que forjaram esse verdadeiro mito das terras sertanejas serviram de motivação para que o sertão e seus desmandos e injustiças fossem desnudados ao público, uma proposta vigente na literatura regionalista iniciada pelo romance de 30 no Modernismo brasileiro e que assume como missão a denúncia social.

O texto regionalista allyriano apresenta-se ao leitor com diferentes faces. Ora ele descreve a dureza e a brutalidade de uma terra que é capaz de forjar no homem a “decomposição” de seu caráter, pois, segundo o autor, na sua busca por justiça, Virgulino se perde e seu caráter, aspecto que deveria ser inviolável para o sertanejo, entra numa espécie de “decomposição; ora ele apresenta aos olhos e ao espírito do leitor, principalmente, do leitor sertanejo, um sertão lírico de uma natureza quase divina.

A integração homem/natureza assume, na obra, um aspecto marcante, oscilando de um extremo a outro com uma cadência, por vezes, quase melancólica. Observe-se que, na narrativa, a constituição do homem sertanejo estará diretamente ligada à sua terra. Evidencia-se, nesse fato, uma visão determinista do narrador acerca da relação homem/meio. O meio é que determina o comportamento de seus filhos embrutecidos, muitas vezes, pela realidade que os envolve. Aqui a natureza funciona como ponto de referência dos personagens, pois, ao mesmo tempo em que é elemento ilustrativo da brutalidade do ser, é também elemento ilustrativo de sua dura fragilidade, de seu amor e de sua tristeza.

Até mesmo a linguagem do sertanejo assume também o papel de elemento caracterizador do homem que habita a rusticidade dessa região, pois ela é constituída de poucas palavras (vocabulário muito pobre), mas complementada pelas ações. Um conjunto tão rústico quanto a realidade física que envolve esse homem.

Dessa forma, a narrativa allyriana cumpre o seu propósito diante do público brasileiro, paraibano e patoense, com um texto que, em sua elaboração, vai da sátira mordaz em relação ao sertão, que forja seres embrutecidos pelas condições a que são submetidos, até o lirismo pleno que fala da terra e da “doçura encantada das mulheres do sertão”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, Poética. In: *Aristóteles*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Editora Abril, 1973.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual: história, metodologia, exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

WANDERLEY, Allyrio M. *Os brutos*. São Paulo: A. Meira Editor, 1934.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica)

WHITE, Hayden. *Meta-história – a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. *Trópicos do discurso – ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.